



## **NATIVOS, IMIGRANTES E EXCLUÍDOS DIGITAIS: UM ESTUDO DE CASO NA UEPB GUARABIRA - CAMPUS III**

**NATIVES, IMMIGRANTS AND DIGITAL EXCLUDES: A CASE STUDY IN UEPB  
GUARABIRA - CAMPUS III**

**Vanusa Valério Santos<sup>1</sup>**

Sistema Municipal de Educação de Cabedelo - PB

**Laná Aparecida Ribeiro Xavier<sup>2</sup>**

Instituto Paulo Freire - PB

### **RESUMO**

Esta pesquisa objetivou analisar como o professor pode ressignificar sua prática pedagógica utilizando as novas ferramentas tecnológicas em sala de aula e como esses docentes e alunos estão enfrentando os anseios de serem nativos, imigrantes ou excluídos digitais. A metodologia da pesquisa foi pautada em uma abordagem qualitativa, na modalidade da pesquisa participante, que se traduz como um envolvimento legítimo entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Para a coleta dos dados, foram aplicados questionários com professores e alunos da Universidade Estadual da Paraíba - Campus III, Guarabira/PB, para saber como enfrentam os anseios dos alunos nativos e excluídos digitais e como parte desses docentes se percebe como imigrantes digitais. Os resultados indicaram que é preciso refletir sobre o uso das novas ferramentas tecnológicas, porquanto elas podem contribuir significativamente com a aprendizagem, quando utilizadas de forma produtiva no contexto educacional. No entanto, as implicações da pesquisa apontam para a limitação na formação dos professores, no que diz respeito ao uso das novas tecnologias em sala de aula, e mostram que existe uma grande quantidade de excluídos e imigrantes digitais entre os jovens discentes.

**Palavras-chave:** Nativos digitais. Imigrantes digitais. Excluídos digitais.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB - 1998); especialista em Educação Básica e em Educação Infantil pela UFPB; pedagoga do Sistema Municipal de Educação de Cabedelo/PB. E-mail: vanusavalerio@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UFPB - 2018); professor do Instituto Paulo Freire. E-mail: lanasvallentina@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade da informação e da comunicação faz parte de um mundo digital, onde as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) continuam transformando o modo como as pessoas vivem.

Com o advento das TICs no contexto mundial, surgiram grupos de pessoas denominados de nativos digitais, imigrantes digitais e excluídos digitais (PRENKY, 2001). Foram esses sujeitos que nos instigaram a fazer esta pesquisa. Contudo, tendo em vista as novidades tecnológicas que circundam nosso meio, acreditamos que essas ferramentas podem transformar os processos de ensino e aprendizagem nos espaços de educação. Um novo tempo, um novo cenário e outras maneiras de pensar e de fazer educação são exigidos na sociedade da informação (LÉVY, 1999). Assim, as perguntas que nortearam esta pesquisa foram: O que o professor (imigrante digital) pode fazer para ressignificar sua prática pedagógica à luz do interesse e das necessidades de aprendizagens dos alunos (nativo e excluído digital)? De que forma estão inseridos os nativos, os imigrantes e os excluídos digitais na UEPB/Campus III e como se comportam diante das novas tecnologias? As TICs estão sendo utilizadas para a aprendizagem significativa?

Assim, objetivo desta investigação, que é fruto do trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia da referida Universidade, foi o de analisar como o professor (imigrante digital) pode ressignificar sua prática pedagógica usando as novas ferramentas tecnológicas em sala de aula, de forma que tanto o professor quanto os alunos possam vivenciar aprendizagens no ciberespaço e se inserir no universo da cibercultura.

Este estudo se justifica porque autores como Kenski (2007) e Moran (2014) apontam a existência de um potencial inquestionável das TICs nos processos de ensino e aprendizagem dos alunos. E mesmo com alguns aparatos tecnológicos no Campus III da Universidade Estadual da Paraíba, esses recursos pouco são utilizados pelos docentes. Contudo, verificamos que uma significativa parcela desses profissionais apresenta limitações, no que diz respeito à formação voltada para o uso dessas ferramentas em sala de aula e em seu dia a dia.

A metodologia da pesquisa pautou-se num estudo de caso, por ser um tipo de pesquisa que apresenta como objeto uma unidade que pode ser analisada com mais detalhes. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário, aplicado aos docentes e aos discentes.

De acordo com os resultados da pesquisa, existem restrições na formação dos professores e do público jovem da universidade, pois ainda temos uma grande demanda de imigrantes digitais em sala de aula. Encontramos também os que sequer sabem em qual grupo estão inseridos e os que ainda não conheciam os termos ‘nativos’, ‘imigrantes’ e ‘excluídos digitais’.

## **2 INVESTIGANDO A INSTITUIÇÃO**

Esta investigação foi realizada no ano em curso, na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III, Guarabira-Pb, também nomeada de Centro de Humanidades (CH). Os sujeitos investigados foram alunos e professores dos Cursos de Licenciatura em Pedagogia, Geografia, História e Letras. Para a coleta dos dados, foram aplicados questionários.

O Centro de Humanidades (CH) foi agrupado à Universidade Estadual da Paraíba em novembro de 1987. Sua estrutura física é composta de mais de 70 ambientes, distribuídos em dois prédios e um laboratório de informática com 16 computadores. O sistema operacional instalado é o Linux, e todos têm acesso à internet banda larga. Também dispõe de rede Wi-Fi aberta e gratuita em todo o Campus. O Centro tem mais de 2.100 (dois mil e cem) alunos matriculados, distribuídos entre os cursos de licenciatura ora mencionados e um bacharelado, que é Direito. Funciona nos três turnos.

O método de abordagem deste estudo foi a pesquisa qualitativa, com foco no estudo de caso, que, segundo Fachin (2006), caracteriza-se pela qualificação dos dados coletados durante a análise do problema. É exploratória, logo não tem o intuito de obter números como resultados e possibilita mais familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, buscando respostas para o problema investigado.

Inicialmente, foi realizada a investigação bibliográfica que, para Lakatos e Marconi (2001, p. 183),

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Todo e qualquer trabalho científico deve se embasar na pesquisa bibliográfica, para que não se desperdice tempo com um problema que já foi solucionado e se chegue a conclusões inovadoras. Por isso, recorreremos aos pressupostos teóricos de Assmann

(1998); Kenski (2007); Lèvy (2001); Takahashi (2000); Moran (2014); Moore e Kearsley (2010); Xavier (2011); Moita (2011); Formiga (2009); Maia e Mattar (2007) e Palfrey e Gasser (2011).

Depois de identificar o problema de pesquisa, definimos quem seriam os componentes da amostra e como os dados seriam coletados. O ciclo de pesquisa, segundo Minayo (1994), compõe-se de três momentos: o da fase exploratória da pesquisa, o de trabalho de campo e o de tratamento do material.

Foi necessário elaborar o tratamento do material recolhido no campo, que foi subdividido em: ordenação, classificação e a análise de dados propriamente dita. Assim, o processo de coleta e de análise dos dados foi totalmente recursivo e dinâmico. A fase do tratamento do material nos levou à teorização sobre os dados, produzindo comparações entre a abordagem teórica e o que a investigação de campo aponta como contribuição.

Depois de coletar os dados, partimos para a fase de sua análise e interpretação. Para isso, organizamos as informações de modo a encontrar as respostas para o problema investigado. Assim, iniciamos o tratamento das informações levantadas e caracterizamos os alunos investigados, cujas idades variaram entre 17 e 45 anos. Grande parte deles cresceu numa época em que as tecnologias digitais estavam ao seu redor e foram, aos poucos, sendo inseridas nas esferas sociais. Outros, embora não tenham crescido com as novas tecnologias, estão à mercê delas atualmente. Vale ressaltar que muitos desses alunos residem na zona rural, onde o sinal de internet, na maioria dos casos, não chega. Porém, esse critério, segundo Prensky (2001), não pode ser utilizado para definir se o grupo analisado era de nativos digitais, visto que os excluídos também nasceram depois dos anos 80, mas não têm acesso às tecnologias digitais.

Um indivíduo que não tem acesso a esse universo é, de fato, um sujeito excluído. Assim, nesse cenário, surge uma nova dimensão de exclusão social, que é a questão da incapacidade de participar da sociedade da informação, onde é necessário não só ter acesso às novas tecnologias, como também desenvolver habilidades necessárias para usá-las de forma efetiva. Quando falamos nos excluídos digitais, não podemos citar apenas que eles não têm acesso às tecnologias digitais, pois existem os que têm acesso, porém não detém habilidade para manuseá-las. Isso, de certa forma, torna-os excluídos digitais, como já referimos.

Do total de investigados, 30% foram de homens, e 70%, de mulheres. Essa maioria feminina se justifica por causa da predominância da pesquisa no Curso de Pedagogia, assim como nas demais licenciaturas.

Quando questionamos os alunos sobre se se consideravam nativos, imigrantes ou excluídos digitais e como as TICs vêm sendo utilizadas em sala de aula pelos docentes, eles responderam que o uso da ferramenta tecnológica como recurso pedagógico ainda é tímido, apesar dos avanços por que estamos passando. Segundo eles, as tecnologias digitais deveriam ser mais utilizadas em sala de aula, no entanto isso ainda não acontece a contento, e são poucos os professores que utilizam os aparatos tecnológicos.

Em relação aos imigrantes digitais, 36% do alunado afirmou que são aqueles que nasceram em outra época, por isso não dominam bem as tecnologias digitais e adotaram os recursos das novas TICs em seu cotidiano; 30% disseram que são os que não nasceram nesse período emergente das novas tecnologias; 16% asseguraram que o imigrante digital é aquele que nasceu antes da década de 80, quando as novas tecnologias ainda não haviam explodido, e os que não vivenciaram essa expansão das TICs desde a década de 80. Para nossa surpresa, um pequeno número (2%) dos investigados afirmou que esses nativos são lineares e sequenciais: fazem uma coisa de cada vez. Percebemos que os alunos não sabiam ao certo quem de fato são os imigrantes digitais.

No que se refere a quem são os nativos digitais, os que estão se sobressaindo nesse contexto digital do Século XXI, 36% dos alunos responderam que os nativos são os que têm habilidades inatas na era digital; 25% disseram que são os que estão imersos em um universo online e emergente; 14%, que eles preferem receber informações rapidamente; 11%, que os nativos preferem trabalhar com imagens, sons e vídeos, ao invés de textos; 5%, 7% e 2% marcaram, respectivamente, que os nativos digitais são liberais, são os que nasceram depois da década de 80 e os que dominam as tecnologias digitais.

Quanto aos excluídos digitais, 54% dos alunos admitiram que são os que, embora tenham nascido na era digital, estão fora desse meio; 29%, que são os que não têm acesso à internet; e 17%, que são os que estão fora do universo *cibernético*. Constatamos, também, nas respostas dos alunos, que ainda existe um número significativo desse público que não passou por nenhum curso voltado para a área de Informática - 33%. Já 71% participaram de algum tipo de curso na área.

Em resposta à pergunta sobre a formação dos professores para utilizarem as TICs em sala de aula, 62% disseram que eles estão preparados, e 33%, que eles necessitam de formação.

Para 42% (quarenta e dois) por cento dos alunos, as aulas podem ficar mais atrativas com o uso das tecnologias, 35% dizem que elas podem atrair a atenção dos alunos e 23% asseguram que elas podem deixar as aulas menos monótonas.

Quando questionados sobre como aprenderam a utilizar as tecnologias de várias formas, 56% dos alunos asseguraram que aprenderam sozinhos; 19%, com a ajuda de colegas; outros 19%, por meio de cursos; e 3% aprenderam de outras maneiras não mencionadas.

Quando perguntados sobre como o professor (imigrante digital) pode ressignificar sua prática pedagógica usando as novas ferramentas tecnológicas em sala de aula e quais os entraves em sua prática, os entrevistados disseram que ainda há uma lacuna em sua formação voltada para as mídias digitais e como usá-las de maneira construtiva no processo de ensino e aprendizagens dos educandos. Para esses docentes, a aprendizagem não depende da tecnologia, mas do real interesse do aluno em querer aprender, pois a tecnologia é apenas mais um recurso que pode ser utilizado em sala de aula. Então, se estamos totalmente cercados de tecnologias digitais, e o docente não se preocupa em levar esse recurso atual e atrativo para dentro dos espaços educativos, ele mesmo pode se tornar um profissional arcaico, devido à falta de informação e de formação. Some-se a isso o pouco investimento do setor público na formação desse profissional.

Para nossa maior surpresa, deparamo-nos com professores que sequer sabiam o significado dos termos ‘nativos’, ‘imigrantes’ e, muito menos, ‘excluídos digitais’ e que os únicos tipos de tecnologia que utilizam são e-mails e slides extensos e cansativos, que não são atrativos para os alunos ou são pouco construtivos.

Quando questionamos os profissionais sobre quanto tempo atuavam na docência dos, os resultados foram estes: 25%, até cinco anos de docência; 25%, de 11 a 20 anos; e mais de vinte anos, 50%. No que diz respeito ao vínculo com a UEPB, 46% disseram que são substitutos, e 54%, efetivos. Esse dado é importante de se ressaltar. Sobre a formação, 50% responderam que cursaram o Mestrado 50%, e 50%, o Doutorado. Em relação à pergunta sobre o que seria tecnologia para eles, obtivemos estes dados apresentados no gráfico abaixo:

**Gráfico 01 – O que são as tecnologias?**

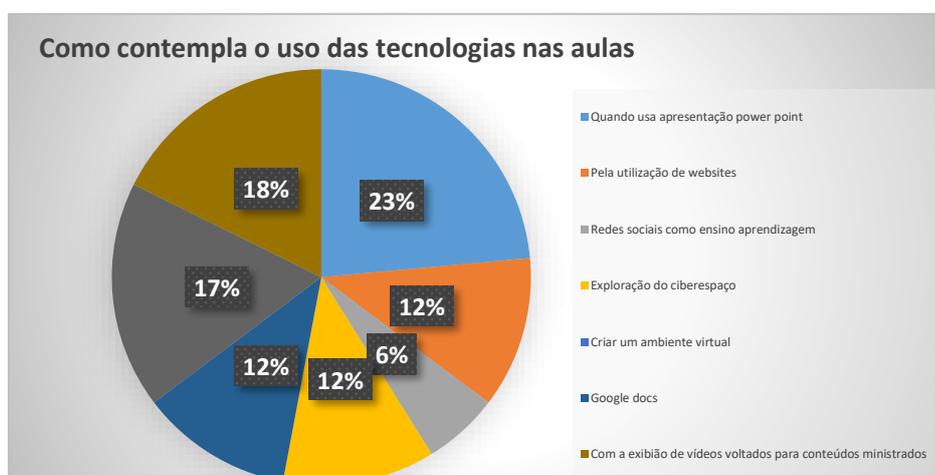


Fonte: Pesquisa direta (2018)

A leitura que podemos fazer do gráfico acima denota que as concepções dos professores foram bastante variadas. Porém, Kenski (2011) afirma que o homem já utilizava a tecnologia desde os tempos antigos, o que possibilitou uma crescente inovação. Quando falamos em novas tecnologias, tratamos de algo atual: são as TICs, os aparatos tecnológicos que vieram para inovar e ressignificar nossa prática docente, assim como nosso dia a dia.

Quando questionados sobre o que são as novas tecnologias, 18% dos professores mencionaram os *smartphones*; 18%, os recursos multimídia; e 14%, as redes sociais e os *tablets*. Sobre como *contemplam o uso das TICs em sala de aula*, veja-se este resultado no gráfico 02.

**Gráfico 02 – Como o professor contempla o uso das TICs em sala de aula.**



Fonte: Pesquisa direta (2018)

Em pleno Século XXI, assustam as respostas que obtivemos sobre a pergunta do gráfico acima. Temos inúmeros aparatos tecnológicos, todavia, são poucos os utilizados pelos professores. Entendemos que o pouco uso ou uso inadequado pode ser devido à falta de formação voltada para o uso das ferramentas tecnológicas em sala de aula.

Sobre quem são os imigrantes digitais, os entrevistados se dividiram em suas respostas, pois 43% afirmaram que os imigrantes digitais são aqueles que nasceram em outra época e não têm tanto domínio das tecnologias digitais; 29%, que os imigrantes digitais são os que nasceram antes da década de 80; e 14%, que são os que já nasceram no período emergente das novas tecnologias e vivenciaram a expansão das TICs desde a infância. Desta forma, notamos uma insegurança ao responder quem seriam os imigrantes digitais.

Em relação aos nativos digitais, 100% dos docentes apontaram a mesma alternativa, que diz que os nativos digitais são os que nasceram depois da década de 80, quando as TICs se difundiram pelo mundo. Então, não mostraram tanta dificuldade para responder quem eram os imigrantes.

Nos dados coletados, constatamos que 75% dos professores investigados não passaram por nenhum curso de formação que fosse diretamente voltado para o uso das tecnologias em sala de aula. O pouco conhecimento dos docentes sobre o uso das ferramentas tecnológicas na educação é preocupante. Compreendemos que esse profissional precisa dessa formação para ressignificar sua prática e usar as ferramentas tecnológicas na sala de aula.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando o que foi exposto nesta investigação, podemos afirmar que a UEPB não dispõe de grandes aparatos tecnológicos, porém o pouco encontrado, comumente é utilizado inadequadamente, e grande parte está sucateada.

Quanto aos sujeitos que foram o objeto de nosso estudo - os nativos, os imigrantes e os excluídos digitais – os primeiros estão cada vez mais utilizando as novas tecnologias com mais propriedade do que a geração de imigrantes digitais, que nasceram em outro contexto de desenvolvimento e acesso tecnológico. E apesar de os excluídos digitais ainda serem bem presentes no campo investigado, assim como no mundo, eles devem ser incluídos no contexto da cibercultura.

É fato que vivemos em um momento transitório e inovador. E um dos maiores desafios para nós, educadores, é incluir as novas ferramentas tecnológicas em nossa

prática pedagógica em prol dos processos educativos. Contudo, o objetivo principal da pesquisa foi o de analisar como o professor (imigrante digital) pode ressignificar sua prática pedagógica usando as novas ferramentas tecnológicas. Porém o estudo constatou que essa parceria ainda é tímida, devido às suas limitações em relação ao uso dos recursos tecnológicos no contexto educacional, tanto nos entraves de natureza técnica, quanto nas condições de acesso, assim como a viabilidade de políticas públicas destinadas à formação docente.

Portanto, o uso das ferramentas tecnológicas em sala de aula ainda precisa ser mais focado, afinal, com a grande demanda de tecnologia digital, de programas e de aplicativos, muitos docentes ainda se prendem ao uso restrito do *power point* e de *e-mails*. Às instituições de ensino resta integrar as novas tecnologias e suscitar condições que beneficiem a inclusão digital para os excluídos digitais e ressignificar o currículo, que deve ser voltado para o novo público de alunos da ‘geração digital’. É certo que ter acesso às novas tecnologias não significa somente oferecer os recursos, pois utilizá-los não garante a aprendizagem. Esse processo depende, em grande parte, da mediação dos professores e de sua formação para isso, não só da tecnologia. Como afirmam Palfrey e Gasser (2011), as tecnologias existem para auxiliar a prática pedagógica e o ensino e a aprendizagem do aluno, e não, para desconsiderar a importância do profissional em sala de aula.

Em suma, a Instituição pesquisada nos revelou que é preciso, urgentemente, inserir as tecnologias no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Isso se justifica porque, embora a UEPB - Campus III Guarabira - PB tenha laboratório de informática e internet banda larga livre em todo o ambiente, esses aparatos tecnológicos não são suficientes para atender à demanda disponível de alunos.

#### **ABSTRACT**

This research aimed to analyze how the teacher can resignify his pedagogical practice, making use of the new technological tools in the classroom. And how these teachers and students are facing the urges to be natives, immigrants or digital excluded. The methodology of the research was based on a qualitative approach, having as participant research modality, which translates as a legitimate involvement between the researcher and the researched object. However, for the data collection, questionnaires were applied to the teachers and students of the State University of Paraíba, Campus III, Guarabira/PB, in order to identify in their pedagogical practices how they face the wishes of the native and excluded digital students, and as part of these teachers perceive themselves as digital immigrants. The

results of the research refer us to the use of the new technological tools, since they can contribute greatly to the learning, and to a significant pedagogical practice, when used productively in the educational context. However, the implications of the research point to the limitation in the training of teachers, regarding the use of new technologies in the classroom, and still show the large number of excluded and digital immigrants among so many young students.

**Key-words:** Digital natives. Digital immigrants. Digital Excluded.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, H. *A metamorfose do aprender na sociedade da informação*. Revista Ciência da Informação – IBICT, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 1998.
- FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- FORMIGA, M. A terminologia da EAD. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org.). *Educação a distância: o estado da arte*. 2. ed. São Paulo: Pearson Education, 2009.
- KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos da metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1999.
- MAIA, C.; MATTAR, João. *ABC da EaD: a educação a distância hoje*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- MINAYO, M. C. S. et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOITA, F. M. G. S. C. ; PEQUENO, R. ; CARVALHO, A.B. G. *Tecnologias Digitais na Educação*. Campina Grande: eduepb, 2011.
- MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. *Educação a distância: uma visão integrada*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- MORAN, José M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.
- PALFREY, J. GASSER, U. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: ed. Artmed, 2011.
- PRENSKY, M. *Nativos digitais, imigrantes digitais*. Trad. Roberta de Moraes Jesus de Souza. Califórnia: NBC University Press, 2001.
- TAKAHASHI, T. (org.). *Livro verde da Sociedade da Informação no Brasil*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.
- XAVIER, Antonio Carlos. *Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da geração Y*. Recife, ed. da UFPE, 2011.